

Com altos e baixos, um caminho fantástico!

Notas da Assembleia mensal do Movimento Comunhão e Libertação
no Rio de Janeiro realizada em agosto de 2018.

O tema de trabalho foi a primeira palestra dos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação de 2018 (J. Carrón, “Eis que eu faço uma coisa nova: não a percebeis?”). A assembleia foi guiada por **Walter Vasconcelos**, responsável de CL na cidade do Rio de Janeiro, e **Marco Montrasi (Bracco)**, responsável nacional.

Colocação. Na última semana eu tive um problema no trabalho com a minha chefe. Foi uma questão que partiu dela, e não tem a ver com o trabalho em si. Então, de cara eu fiquei muito incomodada, porque não tinha a ver com uma questão prática que eu pudesse resolver no trabalho, que fosse uma ação direta minha. Eu fiquei triste, fiquei bem chateada com o que ela falava de mim. Então comecei a pensar o tempo todo em como deveria agir no trabalho, em como deveria agir com ela; que eu não posso falar assim ou assado e como ela vai me interpretar. E fiquei me colocando numa medida. Isso estava me sufocando. Fazendo o trabalho da Escola de Comunidade, eu me dei conta de que o foco era olhar para Ele, e não ficar olhando para mim. Eu acordava pensando: o que eu vou dizer lá? Como é que eu vou agir? E aí comecei a entender – e aí começa o meu questionamento aqui – que eu tinha que acordar e não focar em mim, não focar no meu limite, não focar no que eu deveria dizer a ela, mas acordar e pensar n’Ele. Que o foco da minha vida era Ele, não era o meu limite. E aí um fraterno me provocou: “Mas como é que isso é na prática? Como é que na experiência você não vai olhar para o seu limite vai ficar olhando para Ele?”. Bom, eu entendi que primeiro seria me dar conta da preferência de Cristo por mim. De fato, graças a Deus, eu acho que muitas vezes eu me dou conta dessa preferência, porque diante da vida, dos relacionamentos, das situações, eu me vejo com um julgamento completamente diferente das outras pessoas e vejo que aquele julgamento não é meu: é uma coisa que me foi dada. O primeiro ponto seria este: me dar conta dessa preferência. E depois seria seguir o caminho que Ele me deu, o caminho que Ele escolheu para me alcançar. Na prática, eu entendo que se trate de levar a sério a Escola de Comunidade, levar a sério meu trabalho diário, levar a sério estar aqui – mesmo que eu esteja desde as cinco da manhã na rua. Uma outra fraterna também veio com outra provocação, dizendo que a iniciativa vem d’Ele. Ele vem ao meu encontro, parte d’Ele. E aí eu fiquei confusa: até que ponto é uma ação minha, diante do que eu coloquei, e até que ponto é uma iniciativa d’Ele?

Bracco. Mas vamos ver se você se lembra ultimamente de alguma experiência que fez, na qual viu que precisava fazer alguma coisa e uma outra experiência na qual você viu que não fez nada e aconteceu alguma coisa. Dá para entender?

Colocação. Por exemplo, anteontem teve uma experiência no trabalho: parece que vai ter uma mudança muito importante, vai mudar comando, tudo o mais. E ontem de manhã, no café da manhã, eu conversei com uma amiga que não estava a par dessa situação. Eu expliquei a situação e ela ficou muito angustiada, começou a ficar trêmula, com a mão gelada, com dor no estômago, e eu pedi calma. E ela: “O que vai ser da gente?”. No dia anterior, quando eu tomei conhecimento dessa situação, me deu nervoso também, não a esse ponto, mas eu tirei os óculos, coloquei na mesa e disse: “E agora?”. Mas foi questão de segundos. Logo em seguida eu disse a mim mesma: “Mas Ele cuida de tudo. Ele cuida de mim, Ele cuida do meu trabalho também. Não é a minha ação aqui dentro, não é a minha preocupação, não é nada que eu vá fazer pontualmente que vai determinar minha felicidade. A minha felicidade é Ele, é olhar para Ele”. E isso não foi um paliativo, não foi uma coisa que amenizou; foi uma coisa que me deixou leve. Então eu fiz experiência, a experiência de Deus ali. Porque quando eu pensei nisso, que é Ele que cuida de mim, que Ele determina tudo,

eu fiquei tranquila, eu não fiquei angustiada. E eu tentei dizer isso a ela ontem: “Não, calma, espera aí, nossa felicidade, nossa vida, nossa paz não pode estar nisto aqui. Tem algo maior, fomos feitas para algo maior. Algo maior espera a gente”. Ela falou: “Nossa, de onde você tirou isso?”. Mas eu falei de coração – porque fico muito preocupada de estar fazendo um discurso, uma coisa pronta, e no fundo não estar vivendo aquilo. De fato eu fiquei muito em paz. Está prestes a acontecer uma mudança muito grande – que eu não sei o que vai acontecer na nossa vida lá, pode mudar bastante – mas não estou preocupada com isso. De verdade, estou em paz. Porque eu acho que estou olhando para Ele primeiro, não estou olhando para o que eu vou fazer ou o que os outros vão fazer, mas estou olhando para Ele.

Outro exemplo é sobre as férias do Movimento em Angra. Eu ia com a família, e pronto, ia ser maravilhoso. Só que meu marido, uma semana antes, duas semanas antes, teve um problema pelo qual não poderia se ausentar do trabalho. E ele falou: “Olha, não vou”. E eu falei: “Ah, tá bom, então também não vou”. Mas ele insistiu em que eu fosse e disse: “Eu acho que a intenção não é só diversão. Eu acho que tem outra coisa aí, que você deveria ir. Eu fui aos Exercícios, você não pôde ir porque teve trabalho. E agora vêm as férias e acho que é uma oportunidade para você ir. Então pense, com bastante paz, mas você está indo por uma outra coisa”. Isso me fez refletir e realmente eu tomei esse passo, meio angustiada, pensando: “Vou ter que ir até Angra, com meus pais e as crianças...” Fiquei muito presa nas medidas, na logística da coisa, no cansaço. Mas fui, me abandonei. E chegando lá, nas férias foi maravilhoso. Não foi nem um pouco suave, do ponto de vista de relaxamento. Eu estava o tempo todo em função. Mas eu não trocaria isso por nada, porque eu voltei inteira, voltei feliz. Não consigo explicar, expressar exatamente o que era, mas era uma correspondência. Você vê os amigos cuidando de três, cuidando de quatro, cuidando de cinco filhos. Nossa, dá até vontade de ter mais filhos! E aquilo me traz uma felicidade, me preenche! Eu voltei feliz, voltei repleta. Não consigo expressar exatamente o que era, mas me correspondia: é esse o caminho, é isso que a gente tem que seguir. Também no casamento estamos fazendo uma experiência de que Deus está acontecendo, a gente está livre, está conseguindo ficar um pouco fora das nossas medidas.

Bracco. Então, no exemplo das férias, você falou: “Eu me senti correspondida, aconteceu lá alguma coisa”. Foi você que produziu essa coisa? Não. Mas você teve que fazer alguma coisa? Teve que ir, teve que decidir, teve que escutar o marido. Então, uma coisa não está contra a outra. Certo? Só que não somos nós que produzimos o que acontece. Mas não é que não temos que fazer nada. Carrón, ultimamente, tem citado muito a pesca milagrosa, que está no Evangelho. Por quê? Porque nós estamos continuamente como que dentro dessa cena. Por quê? Já fui às férias por 10 anos, já fui às férias por 7 anos, já fui às férias por 30 anos... Eu sou o especialista das férias, já sei tudo o que vai acontecer. Mas aparece um problema e você decide: “Não vou às férias!”. Aí chega o seu marido e diz: “Jogue as redes”. Eu sou especialista em pescaria. Toda noite pescamos e não pegamos nada. Aí chega você para mim, que sou o especialista da pescaria, e me diz para jogar a rede. “Você está louco!” Quantas vezes nós pensamos assim, não? Isso é genial, porque fala que não somos nós que produzimos em nós a graça: mas Jesus, em contínua ação, me pede para jogar a rede; para ir a um lugar quando eu queria ir a outro; para vir aqui quando eu queria ficar em casa. Quantas pessoas hoje receberam o convite: “Jogue a rede”. Quantos estamos aqui, quantos não jogaram? Ou não jogaram, porque “já sabem”. Mas qual é a diferença? Tem que arriscar. E isso é só meu, é só seu. E não é que esteja tudo automático; mas depois, quando você começa a sentir... Você tem que arriscar porque acha, imagina que a rede vai chegar vazia, e começa a sentir que a rede está cheia. E de novo é uma maravilha, é um conhecimento novo de Cristo. Mas você teve que fazer alguma coisa.

Colocação. Desde as férias de Angra eu me sinto provocada por uma coisa que foi dita: deixar as perguntas abertas. E eu acho que tem muita gente que florescia muita coisa, e isso me incomoda, porque eu tenho visto que na realidade Jesus não precisa de floreio, Ele precisa de sinceridade e da verdade, só isso. Então, quando se falou em não deixar as perguntas fechadas nas férias, eu resolvi

não tentar me acostumar com qualquer tipo de pergunta que pudesse sanar a minha pergunta especial que é: eu tive muitas subidas e descidas com o Movimento. E eu vi claramente isso na Escola de Comunidade, nos Exercícios, quando o Carrón disse que o meu limite para Cristo é ou “o meu limite” ou “o limite dos outros”. O empecilho para eu me afastar, para eu voltar, é sempre o meu limite ou o dos outros. E aí eu resolvi não deixar a pergunta de lado, sabendo que até o poder que existe dentro do Movimento não vai ser suficiente para ser empecilho, como o Carrón está falando desde o começo, para a minha familiaridade com Cristo aqui dentro, que é onde eu vivo “Jesus vivo”. Já fui a muitos lugares assim. Onde eu vivo “Jesus vivo” é aqui. E isso é uma coisa que me fez cair fundo na Escola de Comunidade. Cair fundo em fazer Escola de Comunidade diária e arranjar tempo para tudo. Mas é fazendo assim todo dia. E o que mais tem me espantado é perceber que eu sou muito filha do Movimento, e como isso tem modificado a forma da minha rotina, porque às vezes parece que algumas coisas acontecem, em que nós não colocamos a nossa medida. Isso é muito claro com os meus filhos. Por exemplo, eu sempre faço questão de que eles peçam a bênção, e hoje, na escola, eu vi um pai que conheço fazer o sinal da cruz de uma forma muito leve, enquanto eu sempre imponho às crianças fazer a bênção e tudo o mais. E eu pensei: “Mas Jesus, como é que você chega até mim?” Para mim é de duas formas. Não é como as pessoas pensam, aquele Deus autoritário, que te exige e tudo o mais. Na realidade, Jesus fala de uma forma leve, de uma forma sutil, mas de uma forma extremamente inteira, como aquele olhar que aquele pai dava para a criança – por sinal, uma criança que adora brincar com meus filhos, que adora brincar comigo e sempre pede para brincar. E eu fiquei muito tocada por isso, porque é tão bom saber que o meu limite não é suficiente, é a forma como Deus chega até mim; e nem o limite dos outros é suficiente, nem até o das pessoas do Movimento. Isso, então, tem me dado uma liberdade muito grande para poder falar que me sinto como se fosse filha do Carrón; eu não conheci Dom Giussani, mas parece que cada vez que eu o vejo, eu me sinto mais filha do Carrón, e isso tem me dado uma leveza, uma tranquilidade de poder encarar até mesmo as dificuldades que existem dentro do Movimento, mas isso não é o suficiente para me tirar daqui.

Bracco. Por que não é o suficiente? É para pensar. Sim, pergunto para todo mundo: por que não é suficiente? Porque é bonito isso que você disse: que nós não temos que achar que tudo são rosas e flores entre nós. Mas chega um momento – que é o desejável para todo mundo – em que, mesmo tendo consciência de todos os limites dos outros, e depois talvez dos meus, eu posso dizer: “Eu sou filha desse lugar. Se vou embora, vou embora de mim mesma”. Chegar a esse ponto é como chegar ao núcleo. Isso é fantástico. Por quê? Porque o que você descreveu, como você falou do Carrón, é uma preferência. Não sei quantas vezes você o encontrou. Como é que você pode falar que se sente filha de uma pessoa que nunca encontra? Porque, fazendo um caminho, começando a ler as coisas, começando a se comparar, começando a deixar provocar a vida, Ele começou a soltar as correntes de tantas coisas. Aquele poder, sabe? A radicalização do compromisso de Cristo; de Deus conosco, em Cristo, que se fez homem, morreu e ressuscitou. Aquele que tornou possível essa liberdade, não é? Falamos disso nas férias. Mas como é que acontece experimentarmos a liberdade? Não pode ser algo como uma droga: pego uma pílula, me sinto um pouco livre, e depois... A experiência de liberdade é a experiência que você sente de correntes que te prendem e se soltam. E acontece seguindo alguém. Seguindo alguém que começa a se tornar sinal dessa Presença. E você talvez nunca converse com ele. Isso se torna preferência verdadeira, não o cara que te manda WhatsApp a cada dois segundos – porque às vezes a gente deseja esse tipo de preferência. Mas aquela preferência é a verdadeira, porque tem o poder de te ajudar a viver essa liberdade. Porque não é Carrón que te torna livre, mas é através de uma pessoa que a gente segue, e a gente começa a fazer a experiência de Cristo que me liberta assim. E solta uma corrente. Por exemplo: o poder que tem o limite do outro sobre você. Isso é um poder. Isso te pega na garganta, te dá raiva, não te deixa viver tranquila. É um poder. E você experimenta que, dentro de um caminho, começa a fazer experiência de que essa corrente – talvez você nem achava que era uma corrente que te prendia – se solta. Ou a dificuldade com aquela pessoa que te prende: é um poder. A incapacidade de perdoar: é um poder.

Mas é seguindo com humildade, é jogando a rede, confiando, que começo aos poucos a fazer a experiência dessas correntes que se soltam. E disso você fala: eu sou filho. Por quê? Porque sou livre. Um filho é livre, é uma pessoa livre, que faz a experiência dessa liberdade. Não tem outra coisa mais bonita dentro do Movimento do que fazer essa experiência. Com todos os limites que cada um de nós tem. Obrigado.

Vou só ler este trecho, para que depois em casa vocês leiam todos os dias. Na página 29 do livrinho dos Exercícios: *A radicalidade de tal compromisso é vista no tipo de liberdade completamente nova que esse mesmo compromisso possibilita. 'Do compromisso definitivo de Deus com o homem em Jesus, resulta a libertação definitiva da qual nos falam João e Paulo: 'a liberdade não só em relação aos poderes políticos, senão que a todos os poderes cósmicos do destino, à limitação do pecado, ao alienar-se de Deus, à limitação de defender-se, de agredir, de assassinar, à decadência no que é vão, efêmero, e, enfim, à morte': todos esses poderes ficam 'paralisados', 'fora do caminho', 'sem poder' em sua força atuante', pela ação e pela atração vencedora de Outro". "E isso era possível só quando eram superados não de fora ou do alto, mas de dentro".* Porque nós temos um lugar dentro, que é onde estão ligadas todas as coisas: o afeto com o próprio filho, o afeto entre nós, o trabalho... São mil coisas, mas todas estão ligadas num ponto. E Cristo quer entrar aí dentro. Por isso é uma liberdade totalmente nova. Não é uma coisinha, uma outra, um pedacinho. É uma liberdade completamente nova, porque entra dentro do lugar onde nascem todas as afeições, todos os afetos, isto é, todos os vínculos com a realidade. Quando você começa a experimentar isso? Quando aumenta mil vezes o conhecimento dessa Pessoa que é Jesus. Quando conhece mais a Ele, se afeiçoa mais. E se torna alguém de quem você pode falar: “Me sinto filho”.

Colocação. Depois de participar destas últimas férias em Angra e do encontro com o Savorana sobre a apresentação da biografia de Dom Giussani, que eu gostei muito, me surgiram um monte de perguntas. Essas perguntas surgiram porque, de verdade, eu percebo que é um trabalho que eu tenho feito já há uns dois anos. Porque nessa primeira palestra ele falou de voltar para a origem, dessa liberdade, de algo que não te aprisiona. E eu me vejo dando um passo para frente e dois para trás, depois dois para frente, três para trás, e estou nesse vai e volta. E lá nas perguntas, na página 61 do livrinho dos Exercícios, ele diz que na verdade achamos que não precisamos mais seguir um novo método; que na verdade achamos que podemos agir por conta própria e muitas vezes vamos embora. E eu vinha há algum tempo me perguntando quando é que eu voltaria a ser feliz de novo: “Deus, quando é que eu vou voltar a ser feliz de novo?”, na expectativa por algo que pudesse me libertar: “Agora sim, felicidade total”. E não vivia feliz, não vivia completa, parecia que toda hora pensava: eu não pedi isso, não é isso exatamente; você entendeu errado, eu te pedi outra coisa. Não está me entendendo, você está me pedindo para fazer outra coisa, nossa comunicação está complexa! Estou falando uma língua e você está entendendo outra. Mas eu vejo que é um caminho. Eu há algum tempo tinha me dado conta de que essa origem é um pouco do “já saber” da memória, de partir d’Ele que me dá tudo, e não partir da minha medida. Só que 90% das vezes eu paro na minha medida: daquilo que eu gostaria, daquilo que eu esperaria do outro, daquilo que eu acho que Deus poderia me dar, porque Ele é Deus – se Ele é Deus e quer me ver feliz, então Ele tem que dar, Ele tem que corresponder, entendeu? Quer dizer, eu estou tão louca que tenho minha medida sobre o próprio Deus! E não é legal, porque às vezes, dentro de um relacionamento, quanto mais próximo da pessoa, você às vezes não pensa, mas fala. Então eu fico chateada, fico triste, pensando: “Ah, não acredito, de novo!”, “Eu caminho no Movimento há 10 anos e não me ensinou nada, não consigo ser boa, não consigo ser legal”. Tem aqui um parágrafo que diz assim: *O método de Deus corresponde à nossa necessidade. Temos de estar conscientes disso.* E aí preciso de ajuda para ter certeza de que eu preciso ter essa consciência de que o método d’Ele me corresponde. Talvez eu precise entender melhor o que seja esse método. E de que isso corresponde mesmo à minha necessidade, porque estou sempre achando que a minha necessidade é aquilo que eu já tenho na

minha cabeça. Se eu tivesse seria ótimo, mas não é isso.

Dom Paulo. Só uma coisinha sobre essa questão do ser filho, seguir Carrón, ser filho mesmo dessa história. Uma frase que eu sempre escutava começa a se tornar experiência: “Ninguém gera se não é gerado”. Eu nunca desejei tanto seguir e servir como agora. Até porque, evidentemente, a responsabilidade é muito maior. Os desafios também. Mas a coisa bonita é que você olha para tudo isso com uma paz imensa. O que me marcou nesse texto é que a certa altura diz: “Aconteceu Alguém”. Diz ali que Dom Giussani, subindo aqueles degraus do Berchet, a única coisa que interessava a ele era comunicar àqueles jovens que Cristo é a consistência de tudo. Eu tantas vezes ouvi isso, mas de repente começa a acontecer. Essa palavra “aconteceu Alguém” se torna experiência, a ponto de você se comover. Isso é verdade, não porque você repete, mas porque você se vê, por exemplo, diante das reuniões, de tantos encontros, inteiro, livre, feliz. Você experimenta uma alegria, uma paz, uma letícia mesmo. E uma liberdade que você antes não tinha. E você começa a entender o que é experiência. Mas isso implica sempre a liberdade, dizer “sim”. Por exemplo, ir às férias, ir aos Exercícios da Fraternidade, ir aos Exercícios dos Sacerdotes. São momentos de que eu não abro mão, porque você é gerado por alguém, pertence a uma história. Mas a coisa que é mais interessante é que seguir assim ajuda a viver com liberdade, com alegria, tudo. Tudo mesmo: os dramas, os problemas, as dificuldades. O olhar é totalmente diferente. Aí você fica grato ao Senhor por uma bênção tão bela e tão simples que nós vivemos dentro do Movimento. Que bênção é, para mim, seguir o Movimento, estar nesta história. E aí você é livre, vive a responsabilidade com liberdade, enfrenta o drama da vida, os problemas, com muita liberdade. Não é determinado por isso, é determinado por Ele. Mas é bonito quando se torna experiência. Antes eu repetia, como coisas até decoradas, lidas, até que começo a experimentar. Aí entendo, agora de verdade, o que significa “Alguém que aconteceu”. Corresponde mais do que tudo.

Walter. Pegando carona no que falou o Paulo, duas coisas me marcaram muito no trabalho desse texto. Uma é esse trecho que ele leu: *Alguém nos aconteceu, nos foi dado. Dado a ponto de inserir-se na carne e nos ossos, na alma de cada um de nós. Isso implica: abandonar a posição em que se está, para deixar-se determinar pela presença de outro que nos preferiu antes ainda da nossa resposta. Esse “ser amados” coloca um dado de fato irreversível e define o nosso valor no mundo. Mas é preciso acolhê-lo.* E a outra coisa vem logo depois, quando ele fala da ternura. *Ternura, vejam bem, não é satisfação com o sentimento que temos, mas abandonar-se, sentir-se tomado pelo amor que nos tomou por Aquele que nos tomou. Que experiência Giussani deve ter feito dessa ternura de Deus para com a nossa carne, a ponto de dizer que ela é um milhão de vezes maior, mais aguda, mais penetrante, mais do que o abraço de um homem e sua mulher, de um irmão no irmão. Estas coisas não se compreendem raciocinando, mas olhando para a experiência. Deixando-se tomar, atrair, fascinar, dentro da consciência dessa identidade entre mim e ti, de ti comigo. Melhor: dentro da consciência desse acontecimento se acentua em mim esse tu que é seu.* Eu estava pensando nessas coisas e ouvindo o que o Paulo falava também. Nesse tempo vem realmente uma verdadeira liberdade diante das coisas. Porque eu fico sempre muito preocupado com resultados, com saber se o que vou falar pode ofender alguém, pode magoar, etc. Mas nesse tempo, até conversando com alguns amigos que foram importantes também, percebi que essa ternura de Cristo já me alcançou. E essa ternura eu experimento no meu dia a dia, através do meu abandonar-se. E perceber que eu só posso ser verdadeiramente amigo, olhar as pessoas também com ternura, um pouquinho de ternura, se eu faço essa experiência hoje. E esse abandono de que ele fala é a coisa que eu mais tenho pedido diante das coisas, diante de tantas coisas, que eu me abandono totalmente nesse Alguém que aconteceu na minha vida. Que esse Alguém cada vez mais seja aquilo que determina. Que eu reconheça sua ternura em cada coisa, porque o dia a dia é sempre difícil: seja no trabalho, seja em casa, seja nos relacionamentos, a gente tem sempre problema pela frente, isso não vai mudar, porque não é a solução dos problemas que está em jogo; mas é como você enfrenta

isso, como você vive a sua realidade difícil no trabalho, a sua realidade complicada em casa, de chegar cansado, ter um monte de coisa para fazer e não ter tempo para fazer, algumas coisas no Movimento também... E se não é fazendo uma experiência diária, de que Alguém aconteceu na minha vida, e esse Alguém tem uma ternura por mim que ninguém tem, é impossível de outra forma. Só através d'Ele. Como foi dito: um milhão de vezes maior do que o abraço que eu dou na minha esposa; um milhão de vezes maior do que o abraço que eu dou no meu irmão. Nestes dias que passaram ocorreram vários eventos, como o lançamento do livro da biografia de Dom Giussani, de onde eu saí maravilhado com as colocações do Savorana. Você olha para aquele livro com mais de mil páginas e, depois do que aquele homem falou, tem o desejo de começar a ler cada página e aprofundar aquilo que ele começou a nos contar ali, naquele dia. Tantas experiências que ele teve com Dom Giussani... Depois, os outros momentos que nós tivemos juntos, como a festa de Dom Filippo, por exemplo: aquele momento dos cantos foi de uma beleza extraordinária para mim. Quando eu olhava para os amigos, pensava: "É uma vida que eu tenho dentro dessa história", e percebi que tudo é realmente fruto da ternura d'Ele por mim. Então experimentar isso cabalmente, naquele dia, para mim ficou muito claro. O Senhor aconteceu e me colocou dentro deste lugar aqui, onde eu experimento a Sua ternura. E também os trabalhos de comunidade que a gente tem, mesmo que este mês tenha sido um pouco corrido no trabalho, muitos tiveram compromissos, viagens, mas perceber que naquela sexta-feira, quando se chega lá, existe verdadeiramente uma troca de experiências, como ele fala: *Estas coisas não se compreendem raciocinando, mas olhando para a experiência. Deixando-se tomar, atrair, fascinar.* Então: deixar-se fascinar pela experiência que meus amigos estão vivendo também. Pessoas que fazem experiências bem bonitas, que sempre contam coisas simples, do dia a dia, mas você experimenta que realmente algo aconteceu. Alguém aconteceu na vida dessas pessoas.

Bracco. Nenhuma pergunta? Vocês viram esse artigo da Revista, *Delacroix: um pintor na tempestade*? A Revista Passos tem muitas matérias que ajudam, às vezes de forma inesperada, como foi para mim ler esse artigo. Porque tem essa obra desse pintor, que é Jesus dormindo dentro do barco, na tempestade. Só que é incrível ver essa imagem: porque primeiro é uma imagem que quase dá medo daquilo que pode ser uma tempestade: pode ser um momento da vida, ou as coisas que acontecem. Mas depois, dentro do barco, tem Jesus dormindo tranquilo, com uma luz que ilumina, como se não estivesse acontecendo nada. Então, para mim, me deu uma paz olhar esse quadro, porque Jesus quer que nós possamos viver essa familiaridade que Ele vivia com o Pai. A nossa vida não é um passo para frente, dois para trás, mesmo no sobe e desce está em caminho. Este é o ponto: que a vida esteja em caminho, que você não pare. É esse o bom da vida: estar em caminho. Depois pode ser que um dia vá tudo bem, no outro aconteça um desastre, mas qual é a diferença? Que não é mais um dia para trás, quatro para frente, cinco para baixo: é um caminho. É um caminho onde estou certo que tem Alguém que não me larga mais. Isso dá uma paz, uma letícia, uma alegria, como Jesus dentro do barco. Não é que não sinto medo, não sinto a preocupação, não sinto a decepção. Tudo isso vou continuar sentindo. Mas começa a estar presente, dentro da minha vida, a certeza de que eu não estou sozinho, perdido no mundo. E no fundo tem um fio que ninguém me tira mais. Isso é o que temos que desejar: que dentro da bagunça, Jesus me diga: "Você se deu conta do que eu fiz na tua vida?". Como Carrón continua nos dizendo agora sobre os Apóstolos. Os Apóstolos eram como você, que viram um monte de coisas e depois aconteciam momentos em que, se eles olhassem, fariam: "Mas, com tudo o que aconteceu, eu continuo dando um passo para frente, um passo para trás?". Mas Jesus não se escandalizava. Olhava para eles e sempre, de tempos em tempos, dizia: "Mas você não se dá conta? Não se deu conta?". Ele, de novo, escancarava a razão deles. De novo fazia com que eles comessem a ver o que tinham deixado de ver. E retomavam o caminho. E isso uma vez, duas, três. Era muito melhor do que fazer sempre tudo certinho, sem altos e baixos. Caminhar, com os altos e baixos, é muito melhor que não ter altos e baixos. Porque dentro dos altos e baixos nós podemos experimentar que tem Alguém que me fala:

“Mas não se dá conta? Você não se deu conta?” “Mas vocês também querem ir embora?” Se não tivesse um baixo, Ele não teria me falado: “Você também quer ir embora?” Eu não teria feito todo o trabalho de ir lá e falar: “Mas para onde eu vou? Para onde eu vou?”. É impossível você dizer: “Para onde eu vou?” chorando, se eu não tivesse um baixo, se fosse sempre alto. É dentro dessas fraquezas que Ele quer te tornar ainda mais certa. Então temos que agradecer também pelos baixos que temos. A coisa bonita é esta: estar dentro de um caminho. E, dentro de um caminho, o que acontece?

Por exemplo, no site tem uma carta de uma mãe, nossa amiga, que depois das férias, me escreveu assim: “Amigo, queria compartilhar um diálogo que tivemos no caminho de volta para casa hoje, que para mim foi uma descoberta. Conversávamos sobre um youtuber famoso entre as crianças, que elas não acompanham porque não achamos adequado, porém é sempre um tema que elas abordam, pois querem entender por que não é adequado, já que muitos amigos falam dele. E foi quando a Luisa, de 7 anos, me disse: ‘Mamãe, é o que o Bracco falou, ser livre não é fazer o que quiser. Porque esse youtuber faz o que ele quer, mas é uma liberdade errada a dele, é ruim’. Fiquei muito surpresa, em primeiro lugar, porque eu não sabia que a Luisa estava ouvindo e absorvendo o que falávamos no auditório. Imaginei que estivesse ‘somente’ brincando. Eu, na verdade, já estava muito feliz por elas estarem se divertindo no meio de amigos que são como família. E o segundo impacto foi, justamente, me dar conta que o que ela estava vivendo conosco era algo muito maior, infinitamente maior do que a bela companhia dos nossos amigos. Ela está sendo educada, o senso religioso dela está sendo educado, da forma mais afetuosa possível, sem que eu precise falar nada, sem que eu precise me envolver, no sentido de pedir para ela ir lá escutar. Terceiro: ela está fazendo o caminho dela, dentro da mesma companhia com que eu faço o meu. É dela esse caminho, ao ponto dela ter a clareza de julgar algo do cotidiano dela, que é um youtuber. Quarto: nunca vou esquecer quando, nas férias de dois anos atrás, em São Paulo, você disse que a forma de uma mãe cuidar de seus filhos era olhar para o seu próprio destino e não se paralisar ou paralisar o olhar ao redor dos filhos. Para mim, este foi um ponto de mudança na minha vida, e fez com que eu me abrisse para tantas coisas. E agora olhando a Luísa, com sete anos, ouvindo e julgando essas coisas, eu compreendo o que você dizia: quanto mais eu me lanço, mais elas vão junto comigo”.

Isso é um exemplo do que é essa companhia. A gente às vezes fica com medo do desmoronar das certezas, do mundo. Dá vontade, como falam, de construir uma arca para a gente se salvar e quando passar o tsunami descemos e recivilizamos o mundo. Tem teorias assim, que falam isso. Chega o momento, três dias de férias, no meio da bagunça, que pode ser uma suspensão da vida, ou algo que me faz descobrir como eu sou educado a viver dentro do mundo. E como os nossos filhos são educados. Isso começa a te tirar um pouco do medo. Porque a criança, crescendo com um pai que tem medo, cresce com medo. Quando os pais começam a ver essas coisas, a criança começa a crescer sem medo dentro do mundo, sem criar as arcas para viver. Isso às vezes dá um pouco de... Mas isso aqui é o caminho que nos é proposto, que nós estamos fazendo e que muitos de nós estão experimentando. E que é esperança não só para nós, para o mundo inteiro, para todos! Como vocês estão vivendo, por exemplo, com os filhos, como se vive na faculdade... Então, é um caminho fantástico!